



Chrys Chrystello*

O campo é bom enquanto houver humor

O campo é bonito para passear nas férias e levar lá os putos (como quem os levava dantes ao zoológico) para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar.

A única diferença é que este zoo já não teria bípedes em exposição por detrás das grades, mas reproduções e filmes deles no habitat natural. Sempre se aproveitava para manter a tradição viva e ensinava-se a história dos antepassados. Este método de ensino é mais económico e proveitoso que ir a um museu, que, como sabem, fecha nas férias, feriados, dias santos e ao fim de semana. Se os turistas querem ir aos museus portugueses é meramente para cobiçar o que lá existe. Quiçá para tentar roubar umas peças sagradas para contrabandear para as terras deles, que nada têm de valor, comparado ao que existe em Portugal...

Querem-se políticos a pensar no país, a congelar deputados inúteis, a desburocratizar, a pensar na Nação sem betão nem alcatrão. Queremo-los num hospital, repartição, tribunal, transportes públicos, a tirarem o número na fila sem privilégios nem mordomias, sem médico de família, como milhões de portugueses. Ando há meses a matutar neste tema. Devaneei que o país tinha deixado de ser Lisboa. Idealizei aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados os os mais idos, mas o que encontrei?

Como acabam com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los todos para a cidade pois aí terão um nível económico, qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias de casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o

saneamento e o abastecimento de água, e tudo isto já existe nas cidades e no litoral. Toda a população podia desfrutar do ótimo clima à beira-mar plantado. Mudam-se, de vez, para a costa mesmo que desapareça em breve. Nos últimos anos a Europa já ensinou que a agricultura portuguesa não dava nada e o melhor era importar de Espanha onde fazem agricultura a sério.

Por que é que isto não foi pensado nem feito antes? Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca epilgaram nem propuseram nada digno de ser aplicado. Deve ser por isso que o país se atrasou tanto. Mas com tanto betão a mexer-se para os lados do novo aeroporto e com a velocidade do TGV, ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete (anos 1960) apodreceram em Elvas pois não há dinheiro para os recuperar. As linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que lá só existem os velhos que não contam nem votam.

Anda o Estado a gastar dinheiro, a construir estradas, pontes, viadutos e túneis para o interior, de custosa manutenção, quando lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos. Já transferiram as crianças para as cidades, logo na escola primária. Basta fazer o mesmo aos velhos. Depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para o atraso e provincianismo das aldeias. As aldeias parecem agradar aos turistas que começam a ir mais regularmente conhecê-las, desviando-se da rota universal do Algarve, a floresta de betão implantado em praia ou nesga de areia.

Assim, o mais lógico é trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, morrem. Depois, lá nas terras deles, plantam-se uns campos de golfe. Como sabem, é o desporto de milhões de portugueses. Sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, dado haver um excesso de produção da variedade portuguesa da sementeira.

A Europa decidiu o mesmo quanto à pesca portuguesa, que tão boa fama tivera em tempos saudosos. O melhor era aboli-la para que ficasse mais barato aos espanhóis virem cá pescar, levar e tratar o peixe na terra deles. Depois, voltavam para o colocar na lota mais barato do que se tivesse sido pescado em Portugal por portugueses, tratado em lotas portuguesas e vendido por varinas portuguesas. Romanticamente, tentou-se manter a agricultura de subsistência sem rentabilidade à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados, que, tiveram de fazer inúmeros sacrifícios, levantarem-se pelas 5 da manhã e trabalharem até ao pôr-do-sol, para receberem uns tostões pelos legumes que os hipermercados vendem por euros. Toda a gente já sabia que se esses agricultores vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto. Não vale a pena cultivar uma couve-galega na varanda ou na "marquise" para fazer um caldo verde. Além do mais é proibido.

Não podia continuar silente, este era o rumo que o futuro nos indicava, seguido na península ibérica, as ilhas estão a ficar desertas? Vamos juntá-los todos e trazê-los para as cidades, só assim os Açores serão rentáveis.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association- MEEA]

Dionísio Fernandes
dionisio.azores@gmail.com

Estranha forma de vida

O título tirei-o de uma canção de Amália Rodrigues. Para os mais distraídos comemoraram-se esta semana (1/7) 100 anos do seu nascimento.

Dizem que o presente não é mais do que a procura por um equilíbrio entre a revisitação, inconsciente, de memórias e a aquisição de novas. Mas quando a aquisição de novas não depende só de nós como é costume, surgem sentimentos novos que nos garantem incerteza e coisas que nos escapam e deixam uma sensação de vazio.

E é pelo que nos escapa por entre os dedos e da alma que voltamos uma e mais outra e ainda uma vez mais até onde nos sentimos existir.

Ao contrário dos meus avós e da minha infância, habituei-me num passado não muito atrás a não sair de casa sem a carteira, as chaves, e o telemóvel. Hoje, além de todos os apetrechos habituais a recolher para dentro dos bolsos, agora tenho mais uma mascarilha e um tubo de desinfetante. Calçar os sapatos deixados à porta em equilíbrio, especialmente se levar sacos na mão. Não tocar no corrimão comum, na

porta lá em baixo com os dedos nus.

Já me aconteceu ter de voltar a casa por um destes novos acessórios. Agora tenho vários espalhados no carro. Já me aconteceu dirigir-me a uma loja todo apressado e com a mesma velocidade voltar a sair para colocar a máscara antes de reentrar.

Lembro-me da primeira vez que saí à rua dar por mim a pensar que todos pareciam assaltantes e, embora não tenha sentido medo, sentido as possibilidades.

Mas o título de hoje presta-se a isto e a muito mais, ao que está por vir que nem quero agora antecipar.

Este verso cantado por Amália não me leva a Alfama, mas ao lamento. Ao lamento do abraço e do beijo por dar e por receber, e ao lamento entre os trabalhadores do pão que o diabo amassou, ou está a amassar, comeu e é come e nem sei se gostou ou gosta. Lamento que não.

O lamento do pessoal sem apoios, gente a passar mal, a passar necessidades, a passar muito mal e o país neste desnorte atarantado. Os casos a acu-

mular as pedras que irão fazer caminho advindo da irresponsabilidade política e em alguma juvenil, a fazer caminho pelo egoísmo e pela inconsciência, pela falta de responsabilidade, sobretudo.

E "oiço" a Amália, com a voz sofrida, a alma e sabia ela mais o quê, a lamentar esta vida, a dela, e eu a deste país refém de um punhado de gente que não sente. Gente que fala em nome de todos mas a olhar para o seu umbigo. E eu continuo a ouvir o lamento de quem canta em silêncio o seu lamento de não ter nada para a troca por um prato de comida.

Para finalizar lembro um dos princípios base da resiliência:

"não podemos controlar o que lhe acontece, mas podemos controlar a nossa atitude face ao que acontece, e podemos controlar as mudanças ao invés de permitir que elas nos controlem."

Bonitinho, mas "impensável" se pensarmos nas mudanças exteriores que podem não nos controlar mas que condicionam sobremaneira.

Haja saúde.